

AS PERCPÇÕES DE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARNAÍBA SOBRE AS (HOMO)SEXUALIDADES

Gislaynne Carla Santos Almeida

(Graduanda em Pedagogia-UFPI/Parnaíba)

Romário Ráwlyson Nascimento

(Mestrando em Educação-UFPI/NEPEGECI)

RESUMO

O presente trabalho surge de uma observação social a cerca das mudanças nos arranjos familiares que são por sua vez materializações das mudanças das formas de viver e sentir a sexualidade. Desta forma, intencionamos nesta pesquisa discutir a partir das falas de dois alunos de uma Escola Pública de Parnaíba-PI as questões a cerca das (homo)sexualidades no cotidiano escolar. Metodologicamente, optamos por realizar um estudo qualitativo com o uso de técnicas como o levantamento bibliográfico, observações participante e entrevista aberta. A partir da discussão dos dados podemos identificar que embora a escola se constitua num espaço onde os alunos sentem liberdade para expressar suas identidades sexuais ainda existem lacunas principalmente a cerca da formação docente para um tratamento mais qualificado das questões ligadas as (homo)sexualidades.

Palavras-chave: (homo)sexualidade; escola; homofobia

INTRODUÇÃO

As famílias do século XXI não estão com a mesma organização como nos séculos passados: pai, mãe e filhos, ou seja, uma organização heteropatriarcal¹. Hoje, existem na sociedade diferentes constituições familiares. Entretanto, nem todos estão preparados para respeitá-las. Nesse contexto de rupturas, acreditamos que a escola como espaço de construção dos sujeitos e de suas subjetividades desempenha um papel central na produção de saberes e fazeres que rompam com o constante preconceito contra essas variadas formas de organizações familiares.

¹ O termo hetero se refere a organização familiar que se baseia na relação afetivo-sexual entre os sexos opostos (homem e mulher). O termo patriarcal refere-se a autoridades que podem ser exercida pelo homem.

A família heteropatriarcal encontra-se em fragmentação. Desde meados do século XX estão sendo constituídas novas formas de “ser” família que são materializações de outras formas de viver e sentir a sexualidade, que fogem a norma heterossexista: homem X mulher, além de estarem também situados no contexto da emancipação feminina. Mesmo com a fuga a norma, a homoafetividade² está presente nos contextos escolares a partir de seus sujeitos, constantemente associados a “rótulos”, no caso de meninos com trejeitos afeminados, chamados de “bichas” e das meninas com trejeitos masculinos, chamadas de “maria-sapatão”. Estes termos pejorativos são parte da excessiva carga de preconceito e discriminação vivenciada dentro e fora dos muros da escola.

O preconceito, discriminação e violência surgem quando a orientação sexual, as identidades ou expressões de gênero se opõem as normas estabelecidas pela sociedade heteronormativa³, família e pela religião, tais práticas sexuais divergentes são vistas como crime, aberração, desvio, doença, perversão, imoralidade ou pecado. Desta feita, ao tempo que apresentamos nossas considerações iniciais apontamos também as intenções de pesquisa deste trabalho, que busca evidenciar as percepções associadas à homofobia⁴ na escola, e maneira pela qual os alunos de uma Escola Pública de Parnaíba-PI constroem suas identidades sexuais.

HOMOFOBIA NA ESCOLA: ALGUMAS QUESTÕES

Embora a Constituição Estadual proíba expressamente a discriminação em razão da orientação/identidade sexual, a Fundação Perseu Abramo através da pesquisa “Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais”, realizada em 2009, aponta que 92% da população reconheceram que existe

² Refere-se a relações entre pessoas do mesmo sexo que criam laços afetivos e constituem formas de relações sociais e amorosas, podendo implicar ou não em vivência sexual (PRADO; MACHADO, 2008).

³ Conjunto de práticas e valores que estabelecem como norma a ser seguida a relação heterossexual, ou seja, a relação entre pessoas de sexos biológicos e gêneros diferentes, homem (masculino) e mulher (feminino). Desta maneira as outras formas de vivência da sexualidade como a homossexualidade e a bissexualidade são marginalizadas/inferiorizadas.

⁴ Ódio, medo, aversão a pessoas homossexuais/homoafetivas.

⁵ Significa: lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Esta terminologia foi aprovada no Brasil durante a I Conferência Nacional de Políticas Públicas LGBTTT em 2008. Este termo será utilizando, pois congrega genericamente variadas identidades sexuais.

preconceito contra LGBT⁵ e que 28% reconheceram e declarou o próprio preconceito contra pessoas LGBT, este percentual é cinco vezes maior que o preconceito contra negros e idosos, também identificado pela Fundação.

O estudo "Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: Violência e Convivência nas Escolas", publicado em 2009 pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, baseada em uma amostra de 10 mil estudantes e 1.500 professores(as) do Distrito Federal, e apontou que 63,1% dos entrevistados alegaram já ter visto pessoas que são (ou são tidas como) homossexuais sofrerem preconceito; mais da metade dos/das professores(as) afirmam já ter presenciado cenas discriminatórias contra homossexuais nas escolas; e 44,4% dos meninos e 15% das meninas afirmaram que não gostariam de ter colega homossexual na sala de aula.

Os dados estatísticos apresentados demonstram com nitidez o cenário discriminatório vivenciado pelas pessoas homoafetivas dentro e fora da ambiência escolar. Isto por que a parte das análises de Foucault (1993), Loiola (2009) Nunes e Silva (2006) e Louro (2001; 2004) compreendemos que instituições sociais como o Estado, a família, a Igreja e a escola estabelecem através de técnicas e estratégias, eminentemente pedagógicas, a heterossexualidade com norma a ser seguida, fazendo desta o único caminho possível para a sexualidade. Assim, “Um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimo’. Isso é próprio da viagem na direção planejada.” (LOURO, 2004, p. 16).

Outras possibilidades de vivenciar a sexualidade sempre estiveram presente na história da sexualidade ocidental, contudo dada à intensa opressão/controlado exercida sobre a sexualidade, elas foram ocultadas, haja vista a garantia de uma heteronormatividade. Somente a partir de meados do século XX, estas outras possibilidades aos poucos puderam se afirmar. Este movimento de “emancipação sexual” foi impulsionado por três fatores que se correlacionam: a) um intenso processo de democratização ocorrido em diversos países; b) o desenrolar do processo de globalização que possibilitou uma maior interação entre culturas; c) a organização politizada de segmentos historicamente marginalizados, como mulheres os segmentos LGBTT. Neste novo cenário torna-se evidente a existência de variadas identidades.

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e

abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural, [...]. (LOURO, 2001, p. 12).

Atualmente a sexualidade apresenta-se permeada por limites, possibilidades e desafios, inerentes a um contexto multicultural. Neste cenário de múltiplas identidades sexuais esperamos que a escola no cumprimento de suas atividades educativas crie tempos e espaços nos quais as questões acerca da sexualidade sejam discutidas. Assim, acreditamos que a escola pode e deve contribuir para a redução dos índices de violência e discriminação que afetam as pessoas homoafetivas.

PERCURSO METODOLÓGICO

No tangente a abordagem metodológica, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, posto que este possibilita uma maior interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, assim como o contexto social na qual estes se inserem.

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os Para este trabalho traremos componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. (ANDRÉ, 1995, p. 17)

Na abordagem qualitativa é a análise subjetiva da situação pesquisada e dos sujeitos nela envolvidos que deve prevalecer, posto que a realidade social “é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela” (MINAYO, 1994 p. 15). Para a concretização da pesquisa foram utilizadas duas técnicas coleta de dados, o levantamento bibliográfico, observações-participante e entrevistas abertas.

Como locus de investigação delimitamos uma Escola Pública Estadual de Fundamental Maior. O recorte deste trabalho trará as falas de dois alunos, Aquiles (15 anos) e Heitor (14 anos), tais nomes são fictícios para a preservação das identidades dos discentes. Os dois alunos foram escolhidos após observações e conversas nas quais ficou evidenciado alguns aspectos como gestos, verbalizações e outras características sociais associados a identidades homoafetivas. No quadro abaixo estão relacionadas algumas características sociais dos referidos alunos, coletadas a partir das entrevistas e das observações participante:

Nome	Características Sociais
Aquiles	Este aluno vestia o uniforme da escola igual a todos os outros meninos. Um de seus gestos que nos chamou atenção era a maneira como ele mexia o cabelo, sempre tentando enrolar uma mexa coloca-la atrás da orelha, era curioso esse trejeito feminino, pois ele tinha o cabelo curto. Suas mãos eram bem femininas, com unhas grandes e limpas, mas não estavam pintadas. Ao falar usava as mãos para se expressar. No começo da entrevista o aluno aparentou-se calmo e objetivo com as respostas, no entanto ao longo da mesma, percebemos que ele ficou um pouco tenso devido à dificuldade de encontrar as palavras certas.
Heitor	O aluno entrevistado era muito tímido, porém não se recusou a responder as perguntas solicitadas, desde o início exprimiu apreensão, através das mãos e dos dedos que ele apertava uns contra os outros. Tinha unhas bem feitas e grandes; usava brinco, cabelo curto e um corte moderno. Seu uniforme era semelhante ao dos outros garotos, calça jeans e tênis masculino e blusa da escola. Seu material escolar era “feminino”.

AS (HOMO)SEXUALIDADES NAS FALAS DOS ALUNOS

Uma das reflexões importantes foi apontada pelos alunos, que discordam em certo ponto com nossas análises bibliográficas, nas quais ficou evidenciado a partir de Louro (2001) que a escola é um difícil espaço para se assumir as identidades sexuais. Ao afirmarmos isso, não queremos assinalar que a escola é livre de sanções sociais, mas esta quando comparada com a família, acaba por se tornar um local em que distante dos olhares maternos/paternos o aluno pode expressar sua (homo)sexualidade de maneira mais livre. Como segue o relato:

– E aqui na escola, como é? “Ah! Aqui eu sou ‘doido’, eu ‘íntimo’ com a professora, com o diretor, com a diretora, com todo mundo”. – Você se sente a vontade aqui na escola? “Me sinto”. – Entre a sua escola e sua casa, onde você acha “melhor”? “A escola!”. Tem certeza? “Áhan!” Qual a diferença entre a sua escola e sua casa? “Aqui na escola eles me aceitam, eles deixam brincar, eu brinco na sala de aula. Mas eu tenho medo de fazer lá em casa”. Como você age em casa? “Como homem, em casa eu reencarno”. – Você se sente obrigado a “ser homem”? “É”. Então, quando você chega em casa que você precisa mudar? “É...fico calmo.”. – O único lugar onde você fica a vontade é aqui na escola? “Não, e lá na sede da quadrilha onde eu danço”. (Entrevista realizada em novembro de 2010).

Assim como a escola, Heitor também aponta outro espaço distante da família, a sede da quadrilha. Esse receio com a família também pode ser observado nas falas de Aquiles. Perguntamos: Qual o lugar que você se sente a vontade? Ele nos respondeu: Na sede da quadrilha e a casa da minha tia. Continuamos a indagar: Como é na casa da sua tia? Ele então nos respondeu: “Lá eu sou livre, sou do jeito que sou. Ela me apoia”. Tanto para Heitor como para Aquiles há uma maior liberdade de assumir-se fora do espaço familiar paterno/materno.

Na cidade de Parnaíba a Cultura Popular Junina é bastante forte, alguns bairros constituem quadrilhas para se apresentar no Festival de São João da Parnaíba que tradicionalmente ocorre em junho. As quadrilhas passam meses ensaiando, nesses espaços de sociabilidades juvenis, acreditamos que dado o clima festivo, descontraído os alunos investigados, sentiam-se a vontade comportar-se como gostam.

Como já apontamos anteriormente embora à escola, na opinião dos alunos, se constitua num espaço possível de para a afirmação de suas identidades sexuais, também foi registrado a partir das falas dos mesmos, cenas de discriminação. Como observamos no seguinte relato de Aquiles:

Perguntamos: A sua relação com os professores, você acha que eles te dão atenção? Quando você precisa, assim quando está com dificuldade em alguma coisa? E já sofreu alguma discriminação por algum (a) professor (a) pelo fato de ser gay? E ele respondeu: Sim, me dão atenção. Eu já sofri com a professora de história. E foi ano passado, toda vez que eu chegava perto dela, ela me mandava sair e dizia assim: “ai, você fede, você é veado e fede.” E que se ela tivesse um filho “veado” ou sapatão, ela matava. E eu disse que quando ela tivesse um neto, ele será “veado” ou “sapatão” porque a língua paga. (Entrevista realizada em novembro de 2010).

Neste exemplo encontramos um aspecto comum aos estudos bibliográficos realizados, como em Louro (2001), Joca (2009) e Nunes e Silva (2006) que é a falta de preparo docente para lidar didaticamente com as questões da (homo)sexualidade.

Estes discursos revelam, de fato, a existência de problemas no encontro da sexualidade com as práticas educativas escolares. Problema que consiste em o educador não saber o que fazer. Problema que, no contexto escolar, da prática pedagógica, deve voltar-se não às atitudes dos jovens, mas às posturas e abordagens do educador frente às manifestações da sexualidade. (JOCA, 2009, p. 154).

Assim um dos importantes pontos a serem trabalhados é a formação docente, inicial e continuada. No âmbito da legislação houve um avanço com o lançamento e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), que abordam a sexualidade como Tema Transversal intitulado Orientação Sexual. Registramos o avanço no que tange a autorização governamental para o trabalho dentro da escola com as questões da sexualidade. Contudo, em nossas análises dos PCNs consideramos essa política educacional superficial no que tange a homossexualidade, além de não ter contemplado atividades essenciais para a implementação de suas propostas, como a formação docente.

Além desse episódio homofóbico entre Aquiles e uma de suas professoras, Heitor relatou também casos de *bullyng*⁶. Quando questionamos se ele se sentia discriminado na escola Heitor afirmou que não, mas ponderou que em alguns momentos é chamado de “veado fresco”. Assim, os relatos nos demonstram que embora os alunos considerem a escola um local “acolhedor”, esta ainda precisa sofrer mudanças para propor discussões a cerca das diferenças, para que estas longe e hierarquizar negativamente os sujeitos possam apenas ser expressões de nossas singularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ Palavra de origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil que é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010)

A escola inserida no contexto social amplo não se coloca a parte das transformações familiares e das identidades sexuais. Essas questões atravessam o cotidiano escolar através das sociabilidades discentes, e a escola sempre se envolve nessas questões seja punindo, refletindo, ou se omitindo dentre outras atitudes. Acreditamos que a escola deve voltar-se para estas demandas acerca das (homo)sexualidades pois, estas se constituem em preocupações centrais nas vivências dos alunos.

Assim embora a escola se constitua num espaço onde os alunos sentem liberdade para expressar suas identidades sexuais ainda existem lacunas principalmente a cerca da formação docente para um tratamento mais qualificado das questões ligadas as (homo)sexualidades, contribuindo desta feita para a construção de uma sociedade livre de preconceitos e intolerâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marly E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. v. 10. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade*. v. 1: A vontade de saber. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

JOCA, Alexandre Martins. Formação continuada para educadores/as sobre gênero e diversidade sexual: a experiência do Grupo de Resistência Asa Branca. IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). *Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOIOLA, Luís Palhano. Sexualidade, gênero e diversidade sexual. IN: COSTA, Adriano H. C.; JOCA, Alexandre M.; LOIOLA, Luís P. (Org.). *Desatando nós: fundamentos para uma práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. IN:_____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. IN:_____. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NUNES, César; Silva, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e proposta práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. 2ª ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

PRADO, Marco A. M.; MACHADO, Frederico V. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Ana B. B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.